

## **Atuação do enfermeiro ao paciente portador de transtorno mental**

Actions of the nurse to the patient with a mental disorder

Actuación de enfermeras en pacientes con trastornos mentales

Recebido: 18/11/2020 | Revisado: 19/11/2020 | Aceito: 04/01/2021 | Publicado: 06/01/2021

**Aline de Sousa Rocha**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8181-0835>

Faculdade de Imperatriz, Brasil

E-mail: [lillydarocha@hotmail.com](mailto:lillydarocha@hotmail.com)

**Benedita Maryjose Gleyk Gomes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5231-3936>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: [bene.belo@outlook.com](mailto:bene.belo@outlook.com)

**Roberta Sousa Meneses**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2911-4541>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: [smrbeba@gmail.com](mailto:smrbeba@gmail.com)

**Marcos Antonio Silva Batista**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6746-1923>

Faculdade Pitágoras de São Luís, Brasil

E-mail: [marcos\\_batist@hotmail.com](mailto:marcos_batist@hotmail.com)

**Rosane Cristina Mendes Gonçalves**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9495-8241>

Universidade Luterana do Brasil, Brasil

E-mail: [rosanecristinamg@hotmail.com](mailto:rosanecristinamg@hotmail.com)

**Talita Sousa Batista**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2904-7104>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: [love\\_talita@hotmail.com](mailto:love_talita@hotmail.com)

**Samara Lima Ferreira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5094-9594>

Faculdade de Imperatriz, Brasil

E-mail: [samaraslf88@gmail.com](mailto:samaraslf88@gmail.com)

**Fernanda Sousa Teixeira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0379-4067>

Universidade Sul do Maranhão, Brasil

E-mail: [manda.teix@hotmail.com](mailto:manda.teix@hotmail.com)

### **Resumo**

A Reforma psiquiátrica ocorrida no Brasil, carrega características de outros movimentos ocorridos em outras partes do mundo. A ideia comum a todos os movimentos é a luta pelos direitos do indivíduo em sofrimento mental, buscando principalmente a ruptura do modelo manicomial. Essas mudanças acarretaram diversas transformações no cenário do cuidado, para todas as profissões diretamente ligadas ao paciente. A enfermagem por sua vez vivenciou e vivencia mudanças significativas na oferta do cuidado. O objetivo deste estudo consiste em falar sobre os cuidados da enfermagem para com o paciente acometido pelo transtorno mental, fazendo-se um recorte de análise temporal de como esse cuidado ocorria e como ele se apresenta na atual conjuntura da saúde mental. A metodologia é do tipo revisão de literatura, que ocorreu por meio de pesquisa nas bases de dados BIREME, Lilacs, Scielo, BDENF e BVS. Para isso foram selecionados os descritores: cuidados de enfermagem a pessoas com transtornos; assistência de enfermagem aos portadores de transtorno mental. Diante dos resultados pôde-se evidenciar que o enfermeiro é parte importante no cuidado ao paciente com transtorno mental, observando que esses compõem uma equipe multiprofissional e destacando que o cuidado vai muito além de apenas atender o paciente, mas que consiste principalmente na relação com a família do paciente, na formação de vínculo, no trabalho que almeja a reinserção social e muitas vezes também a reinserção familiar do indivíduo. Profissão que precisa passar por constantes atualizações, mas que vivenciou inúmeras transformações ao longo de todo a esse período de Reforma.

**Palavras-chave:** Reforma psiquiátrica; Saúde mental; Enfermeiro.

### Abstract

The psychiatric reform that took place in Brazil carries characteristics of other movements that occurred in other parts of the world. The idea common to all movements is the struggle for the rights of the individual in mental suffering, seeking mainly the rupture of the mental model. These changes led to several transformations in the care scenario, for all professions directly linked to the patient. Nursing in turn has experienced and experiences significant changes in the provision of care. The aim of this study is to talk about nursing care for patients affected by mental disorder, making a temporal analysis of how this care occurred and how it presents itself in the current mental health conjuncture. The methodology is of the literature review type, which occurred through research in the databases BIREME, Lilacs, Scielo, BDNF and VHL. For this, the descriptors: nursing care for people with disorders were selected; nursing care for patients with mental disorders. In view of the results, it was evidenced that nurses are an important part of caring for patients with mental disorders, noting that these make up a multidisciplinary team and highlighting that care goes far beyond just caring for the patient, but that it consists mainly in the relationship with the patient's family, in bonding, in the work that aims at social reintegration and often also the family reinsertion of the individual. Profession that needs to undergo constant updates, but has experienced numerous transformations throughout this period of Reformation.

**Keywords:** Psychiatric reform; Mental health; Nurse.

### Resumen

La reforma psiquiátrica del Brasil se caracteriza por otros movimientos en otras partes del mundo. Todos los movimientos comparten la idea de luchar por los derechos de las personas en situación de penuria mental, principalmente tratando de romper el modelo de asilo. Estos cambios han dado lugar a varios cambios en los programas de atención, en todas las ocupaciones directamente relacionadas con los pacientes. A su vez, el personal de enfermería ha experimentado cambios importantes en la prestación de cuidados. El objetivo de este estudio es estudiar la atención a las personas con discapacidad mental, analizar en el tiempo cómo se presta y cómo se manifiesta en la situación actual de la salud mental. Este método es el tipo de síntesis bibliográfica que se realiza mediante estudios en las bases de datos BIREME, clavo, scielo, BDE F y BVs. Para ello, hemos elegido los términos descriptivos siguientes: atención a las personas con discapacidad mental; atención a las personas con discapacidad mental. De los resultados de la investigación se desprende que las enfermeras son un componente importante de la atención de las personas con discapacidad mental, que forman un equipo multidisciplinario y hacen hincapié en que la atención no se limita a ayudar a los pacientes, sino que abarca principalmente las relaciones con sus familias. En la esfera de la capacitación, en el contexto de la labor de reinserción social, a menudo también se procura reintegrar a las personas en la familia. Esta carrera, que debe renovarse constantemente, ha sufrido numerosos cambios a lo largo de todo el período de reforma.

**Palabras clave:** Reforma psiquiátrica; Salud mental; Enfermera.

## 1. Introdução

A substituição do modelo de assistência manicomial pelos centros comunitários de saúde mental, aconteceu no Brasil, bem como em outros país da Europa e nos EUA. Ao final da década de 70, raiaram movimentos que apoiavam a defesa dos direitos civis ao portador de transtorno mental, bem como discussão acerca da conduta médica, até então, inquestionável. As crescentes denúncias da prática asilar, a violência e o abandono a que eram submetidos esses pacientes, fizeram, portanto, surgir propostas de intervenção nos manicômios, visando a democratização e a humanização do atendimento. Assim, teve início o processo da "Reforma Psiquiátrica", propondo formas de atenção substitutivas ao tratamento hospitalar, enfatizando a participação da família, a descentralização dos serviços, a reintegração do portador de transtorno mental a sua conjuntura social e a luta pelos seus direitos civis (Silveira & Alves, 2003).

Nas últimas décadas, tem-se acompanhado a Reforma Psiquiátrica como também acompanhado várias transformações no modelo de atenção em saúde mental, que priorizam as ações voltadas para a inclusão social, cidadania e autonomia ao portador de transtorno mental. Entretanto, essas mudanças têm encontrado obstáculos para superar o modelo biomédico e hospitalocêntrico no campo da saúde mental. Nessa conjuntura, identifica-se o protagonismo do movimento social de profissionais, usuários e familiares que possibilitou ao longo o processo de mudanças na legislação e a proposição de novos modelos de atenção a mental (Correia, Barros & Colveiro, 2011).

Ao longo do seu desenvolvimento como profissão, a enfermagem, vem acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade, e isso têm exigido dos profissionais dessa área reflexões sobre a maneira do cuidar, levando em consideração a

individualidade delas e a organização de suas ações. A reorientação do trabalho do enfermeiro vem exigindo dos profissionais melhor qualificação, uma vez que, se antes suas funções eram precisas e bem definidas, com a inserção em novos modelos de atendimento, agora assume responsabilidades inexploradas e ainda pouco precisas (Mendes & Castro, 2005).

Diante do exposto, este estudo tem por objetivo provocar uma reflexão que possa vir a contribuir na formação de uma nova consciência, na reestruturação de novos saberes o que resultará na transformação da prática, um modelo que assegure a humanização da assistência aos pacientes portadores de transtorno mental e também preserve os direitos dos mesmos. Para melhor entendimento do tema desse trabalho, consideram-se oportunas algumas informações sobre reforma psiquiátrica, a evolução da enfermagem psiquiátrica e os papéis preconizados do enfermeiro que atuam na saúde mental.

## **2. Metodologia**

O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura por meio de pesquisa nas bases de dados BIREME, Lilacs, Scielo, BDENF e BVS. Para isso foram selecionados os seguintes descritores de assunto: Cuidados de enfermagem a pessoas com transtornos; Assistência de enfermagem aos portadores de transtorno mental. Também foram usadas as palavras: Cuidado de enfermagem, assistência de enfermagem e saúde mental. O período de realização da busca foi contínuo e o intervalo considerado para a realização do trabalho ocorreu entre os meses de fevereiro a maio de 2019. Outras formas de obtenção de dados também foram utilizadas como a utilização de livros, artigos publicados em periódicos, arquivos eletrônicos, com o objetivo de embasar o conhecimento acerca da atuação do enfermeiro ao portador de transtorno mental (Lakatos & Marconi, 1991).

## **3. Referencial Teórico**

### **3.1 Reforma Psiquiátrica**

Logo após a II Guerra Mundial, surgiram alguns movimentos de contestação contra a violência e a marginalização praticadas pelas instituições psiquiátricas, em prol da promoção e melhoria da qualidade na assistência em saúde mental, tendo participado as Comunidades Terapêuticas da Inglaterra, a Psiquiatria Democrática na Itália, e a Psiquiatria Preventiva nos Estados Unidos (Santos, Oliveira & Souza, 2011).

Segundo Oliveira e Alessi (2003), estes eram movimentos de "reforma" da assistência psiquiátrica com objetivo de um novo rearranjo técnico-científico e administrativo da Psiquiatria, sem a radicalidade da desinstitucionalização, proposta pelo movimento italiano, a partir de 1960.

A Reforma Psiquiátrica, no entanto, teve início na Itália a partir da década de 70, que tinha como princípio revolucionar concepções e terapêuticas médicas vigentes mediante análise crítica da cultura manicomial e do saber psiquiátrico, na intenção de denunciar também as práticas desumanas e segregantes para fins da normatização e controle social. Deste modo compreende, que a Reforma Psiquiátrica serviu como um movimento, um processo histórico que se constitui pela crítica ao paradigma, psiquiátrico clássico e pelas práticas que transformam/superam esse paradigma, no contexto brasileiro, ganhando forças a partir do final da década de 1970 (Randemark, Jorge & Queiroz, 2004).

Outro aspecto marcante na reforma psiquiátrica no Brasil foi o acontecimento da primeira e segunda Conferências Nacionais em saúde mental em 1987 e 1992, respectivamente, cujos relatórios finais norteiam importantes ações do Ministério da Saúde, como a criação de portarias que regulamentam a assistência ao doente mental. Dentre estas, a portaria ministerial nº 224, de 1992, estabelece que as diretrizes e normas atuem acerca da assistência em saúde mental. Neste sentido essas diretrizes dispõem sobre a organização dos serviços segundo os preceitos do Sistema Único De Saúde (SUS), a diversidade de métodos e técnicas terapêuticas a partir da complexidade assistencial, a garantia de continuidade assistencial nos vários níveis, a multiprofissionalidade e a participação social (Brischialiari et al., 2008).

Nos últimos anos, o Ministério da Saúde, através das políticas de expansão, formulação, formação e avaliação da Atenção Básica, vem estimulando ações que remetem a dimensão subjetiva dos usuários e aos problemas mais graves de saúde mental da população neste nível de atenção. A Estratégia Saúde da Família (ESF), tomada enquanto diretriz para reorganização da Atenção Básica no contexto do Sistema Único de Saúde – SUS tornou-se fundamental para a atenção das pessoas portadoras de transtornos mentais e seus familiares; com base no trabalho organizado segundo o modelo da atenção básica e por meio de ações comunitárias que favorecem a inclusão social destas no território onde vivem e trabalham (Brasil, 2008).

### **3.2 O papel do enfermeiro em psiquiatria**

As práticas de enfermagem no interior de casas de repouso e subsequente em hospitais psiquiátricos possuem a tarefa de monitorar e manter a vida dos pacientes. Atividades adotadas para manutenção da qualidade de vida envolviam desde a alimentação até a atuação dos tratamentos corpóreos, como por exemplo a insulinoterapia. Através da introdução da terapia corpórea, foi imposta da enfermagem uma assistência especializada, ofertando um atendimento de melhor qualidade na sua prática e utilizando habilidades médico-cirúrgicas, conferindo-lhe um cunho científico (Santos, Oliveira & Souza, 2011).

O papel do enfermeiro psiquiátrico modificou simultaneamente com o desenvolvimento da psiquiatria. A assistência prestada pelo o abrigo, ou seja, acompanha as mudanças na prática médica, e tentativas de combinar novas tecnologias e políticas destinadas ao tratamento do portador de transtorno mental (Paes et.al.; 2010).

Vale destacar que o movimento da reforma psiquiátrica, e as diretrizes políticas em saúde mental através de portarias, têm direcionado esforços no sentido de melhorar a qualidade de assistência aos pacientes com transtornos mentais. A proposta de melhorar a qualidade de assistência tem sido monitorada pelo ministério da saúde através de portarias, que determinam padrões mínimos para o funcionamento da rede pública e privada (Oliveira & Alessi, 2003).

Em diferentes regiões do Brasil, experiências exitosas vêm demonstrando a potência transformadora das práticas dos trabalhadores da atenção básica, mediante a inclusão da saúde mental na atenção básica por meio do matriciamento, como por exemplo, das equipes de apoio ao Programa Saúde da Família – NASF. Entretanto, muito ainda precisa ser implementado para avançar na perspectiva da construção da rede de atenção em saúde mental, mediante a articulação de serviços que devem operar na lógica territorialização, corresponsabilização e da integralidade das práticas em saúde mental (Mynaio, 2004).

O processo de busca ao longo da prática da enfermagem psiquiátrica implica nas seguintes habilidades: Observação disciplinar e desenvolvimento de aptitudes para colocar em prática conhecimentos teóricos como ajuda nos relacionamentos interpessoais. Ele aponta que o requisito básico dessa habilidade é o amor, habilidades técnicas como também científicas e habilidades de sapiência crítica. Dessa forma, as práticas de enfermagem devem estar acima do nível da ciência técnica; deste modo, os enfermeiros devem utilizar a autoconsciência e a sua pessoa como meio de estabelecer uma relação positiva com o indivíduo. Portanto, o enfermeiro não deve tentar solucionar os problemas do indivíduo, mas sim encontrar a solução mais adequada, utilizando suas habilidades profissionais e conhecimentos científicos (Calgaro & Souza, 2009).

O papel do enfermeiro não se concentra apenas na promoção da saúde mental, mas também na prevenção da doença mental, para ajudar os pacientes a enfrentar a pressão que a doença mental oferta, como também a capacidade de assistir os pacientes, as famílias e comunidades, afim de ajuda-los a encontrar a verdadeira significância da doença mental. Para que os enfermeiros desempenhem as suas funções, devem utilizar a perspicácia e a observação, desenvolver explicações eficazes, delinear áreas de ação por meio de tomadas de decisão, planejar auxílio na condução e desenvolvimento do processo de avaliação. Essas ações pertencem ao processo de enfermagem, devendo nortear o relacionamento terapêutico e interpessoal (Randemark, Jorge & Queiroz, 2004).

Nesses serviços, a enfermagem orienta sua atuação para tratar o portador de transtorno mental de diferentes formas, o que significa uma atitude de respeito e dignidade ao paciente, uma atuação pautada na personalidade do sujeito e na

participação no processo de tratamento, estimulando e incentivando o cuidado pessoal, e reintegrar-se na sociedade e nos grupos comunitários. Por isso os profissionais devem gerar um espaço de acolhimento, ou seja, um espaço capaz de possibilitar compreensão, emoção, autonomia, moralidade e cidadania, enfim, um espaço que promova o atendimento psicossocial e a reabilitação do indivíduo (Myanaio, 2004).

Atualmente, no contexto das demandas e desafios do mercado de trabalho, é necessário superar as visões separatistas profissionais e desenvolver métodos conjuntos com outros profissionais para formar uma equipe verdadeiramente interdisciplinar, que não é fácil de utilizar pela singularidade dos objetivos da profissão. Talvez, esse convívio incomode os profissionais, por exigir mais ajuda de todas as partes da equipe. Nessa crítica, a nova visão em saúde mental exige a superação de obstáculos, censura o reducionismo e a rejeição da estagnação de conhecimento, devendo o profissional se dedicar a projetos de transformação da enfermagem a partir da própria modificação de si mesmos e concretizar a prática da equipe e buscar a incorporação e distribuição do cunho científico (Santos, Oliveira & Souza, 2011).

Através do movimento da Reforma Psiquiátrica, como mencionado anteriormente, o atendimento de enfermagem devido ao seu cotidiano era desenvolvido com um cuidado terapêutico onde o tratamento era baseado na essência da técnica e não na atenção ao indivíduo como um ser integralizado. No entanto, passou-se a direcionar novas formas de cuidar em saúde mental, atuando com atitudes de respeito e dignidade, de ações voltadas às singularidades dos sujeitos, com a participação destes no tratamento, bem como sua inserção na sociedade (Calgaro & Souza, 2009).

Desde a sua existência, o modelo tem marcado a prática de enfermagem psiquiátrica esteve notada pelo o modelo repressor e controlador, cujas as atividades foram exercidas por não profissionais, servidores de hospitais, ex-pacientes e, subsequentemente desenvolvidos por instituições de caridades (Brasil, 2008).

O Cuidar consistia a submeter os internos aos tratamentos brutais por parte de carcereiros e guardas. Maus tratos, o abuso, a vigilância, punição e supressão eram os tratamentos recomendados, geralmente utilizados pela a “equipe de enfermagem”, que preenchia o lugar das religiosas (Randemark, Jorge & Queiroz, 2004).

Segundo Oliveira e Alessi 2003, o processo de trabalho de enfermagem tem passado por uma reformulação. No momento atual o trabalho de enfermagem em saúde mental está entre a prática de cuidado hospitalar que anteriormente visava a contenção do comportamento dos "doentes mentais" e a incorporação de princípios novos e desconhecidos, uma prática interdisciplinar, aberta às contingências dos sujeitos envolvidos em cada momento e em cada contexto, superando a perspectiva disciplinar de suas ações.

Sendo assim, confirma-se que a assistência de enfermagem tem um papel muito importante, além de humanizadora para cuidar do paciente com transtorno mental, como exemplo parar um pouco, ouvi-lo, orientá-lo no uso de adornos e roupas, comportamentos alterados, tentativa de fugas, ideação suicida, auto e heteroagressividade (Martins & Forcella, 2006).

O papel do enfermeiro hoje é de agente terapêutico, tendo como objetivo o compromisso com a qualidade de vida do indivíduo em sofrimento psíquico. Sendo assim o enfermeiro deve estar preparado e qualificado para atuar nesses modelos de atenção, sendo capazes de assumirem novas tarefas e adequar-se às mudanças vindas da atual política de saúde mental vigente no Brasil (Andrade & Pedrão, 2005).

A principal importância da humanização para a enfermagem é possibilitar o resgate da subjetividade do sujeito, ou seja, é uma mudança de um olhar clínico para um olhar mais compreensivo, singular, aprofundando cada vez mais o diálogo enfermeiro-paciente (Oliveira & Fortunato, 2003).

Os estudos relacionados à saúde têm o compromisso de tratar a humanização nas diferentes dimensões, incluindo assim valores e subjetividade de cada ser humano, podendo assim junto incluir também a felicidade humana e o bem comum (Ayres, 2005). Logo, os usuários dos serviços de saúde devem usufruir de seus direitos, participando de decisões da

humanização em saúde, com isso poderão ter autonomia nesse processo, ajudando assim a coletividade e os profissionais de saúde (Cassate & Corrêa, 2005).

Vale ressaltar que o cuidado de enfermagem deve ser desenvolvido respeitando os princípios da dignidade, interação com o outro, isenção de preconceitos, credences pessoais e valores, com isso a enfermagem tem procurado aproximar-se das tecnologias para ofertar um cuidado humanizado em suas ações mais complexas (Paes et.al.; 2010).

Para se desenvolver a humanização, o profissional de enfermagem deve estar sempre se educando, pois, a enfermagem é uma arte que cria um vínculo humano com o outro (Rocha & Carvalho, 2007). Além da capacitação dos profissionais, se considerada válido que, os recursos materiais, tecnológicos, ambiente físico são importantes, pois auxiliam no tratamento da dor, mas não são mais significativos que a essência humana (Duarte & Noro, 2010).

Devido ao grande avanço do movimento da reforma no que diz respeito ao atendimento extra-hospitalar, começou-se a pensar em como iriam atender estes doentes mentais, e como seria composto este atendimento e quais profissionais iriam fazer parte deste atendimento, resolveu-se então incluir vários profissionais de saúde e principalmente a enfermagem.

Segundo Santos (2011), este atendimento extra-hospitalar de reconstrução da cidadania do doente mental envolve uma reabilitação psicossocial, onde este doente deve ser tratado de maneira individual, visando uma reinserção social, não deixando de ter um local adequado para este atendimento, e neste atendimento além de incluir os profissionais de saúde, seriam incluídos impreterivelmente a família e a comunidade.

Nesse entendimento, além de acolher a história de vida do indivíduo com o enquadramento sociopsicológico e político-cultural, a enfermagem também proporciona intervenção terapêutica, acolhimento, escuta qualificada e interposição, realizada por meio de ferramentas e ações que podem promover a recuperação. Para buscar a melhoria na qualidade de vida desse sujeito (Calgaro & Souza, 2009).

#### **4. Resultados e Discussão**

Diante de todo o exposto e das literaturas trabalhadas, vale apresentar de forma inicial as práticas de enfermagem no interior de casas de repouso e, subsequente em hospitais psiquiátricos, possuem a tarefa de monitorar e manter a vida dos pacientes, quando Santos, Oliveira & Souza (2011), Através da introdução da terapia corpórea, foi imposta da enfermagem uma assistência especializada. Surgimento este que Paes et.al (2010), o papel do enfermeiro psiquiátrico modificou simultaneamente com o desenvolvimento da psiquiatria. A assistência prestada pelo o abrigo, ou seja, acompanha as mudanças na prática médica, e tentativas de combinar novas tecnologias e políticas destinadas ao tratamento do portador de transtorno mental.

Compreender o papel do enfermeiro em psiquiatria é pressuposto para entender que o mesmo não deve tentar solucionar os problemas do indivíduo, mas sim encontrar a solução mais adequada, utilizando suas habilidades profissionais e conhecimentos científicos, Calgaro & Souza (2009).

Partindo desse ponto, o papel do enfermeiro não se concentra apenas na promoção da saúde mental, mas também na prevenção da doença mental, Randemark, Jorge & Queiroz (2004), relata que ajuda os pacientes a enfrentar a pressão que a doença mental oferta, como também a capacidade de assistir os pacientes, as famílias e comunidades, afim de ajuda-los a encontrar a verdadeira significância da doença mental. Essas ações pertencem ao processo de enfermagem, devendo nortear o relacionamento terapêutico e interpessoal, Minayo (2004), ainda assim é possível destacar nesses serviços, a enfermagem orienta sua atuação para tratar o portador de transtorno mental de diferentes formas, o que significa uma atitude de respeito e dignidade ao paciente, uma atuação pautada na personalidade do sujeito e na participação no processo de tratamento, estimando e incentivando o cuidado pessoal, e reintegrar-se na sociedade e nos grupos comunitários.

Oliveira & Alessi (2000), relatam que o processo de trabalho de enfermagem tem passado por uma reformulação. No momento atual o trabalho de enfermagem em saúde mental está entre a prática de cuidado hospitalar que anteriormente visava a contenção do comportamento dos "doentes mentais" e a incorporação de princípios novos e desconhecidos.

Martins & Forcella (2006), confirma-se que a assistência de enfermagem tem um papel muito importante, além de humanizadora que tem como o intuito o cuidar do paciente com transtorno mental, e dentre exemplos temos: - Ouvi-lo, orientá-lo no uso de adornos e roupas, comportamentos alterados, tentativa de fugas, ideação suicida, auto e heteroagressividade.

Contudo o papel do enfermeiro hoje é de agente terapêutico, Andrade & Pedrão (2005), afirmam que o objetivo do compromisso é com a qualidade de vida do indivíduo em sofrimento psíquico. Sendo assim o enfermeiro deve estar preparado e qualificado para atuar nesses modelos de atenção, sendo capazes de assumirem novas tarefas e adequar-se às mudanças vindas da atual política de saúde mental vigente no Brasil.

Quando voltamos o olhar para esta necessidade, Rocha & Carvalho (2007), determinam que para desenvolver a humanização, o profissional de enfermagem deve estar sempre se educando, pois, a enfermagem é uma arte que cria um vínculo humano com o outro. Quando essa necessidade é observada durante esse período, muitas literaturas classificam as capacitações dos profissionais, se considerada válido que, os recursos materiais, tecnológicos, ambiente físico são importantes, pois auxiliam no tratamento da dor, mas não são mais significativos que a essência humana Duarte & Noro (2010).

Calgaro & Souza (2009) destaca ainda que nesse entendimento, além de acolher a história de vida do indivíduo com o enquadramento sociopsicológico e político-cultural, a enfermagem também proporciona intervenção terapêutica, acolhimento, escuta qualificada e interposição, realizada por meio de ferramentas e ações que podem promover a recuperação. Para buscar a melhoria na qualidade de vida desse sujeito

## 5. Considerações Finais

Conclui-se, com a pesquisa, que a enfermagem desempenha um importante papel na saúde mental. O enfermeiro é o responsável pelo acolhimento dos portadores de transtorno mental, afim de estar realizando uma escuta qualificada que tem como objetivo atingir o proposto e montar o melhor plano terapêutico para aquele determinado paciente de acordo com sua necessidade.

É enfermagem que tem contato direto e indireto com o desenvolvimento do paciente acompanhado, lembrando sempre que não se trata de uma prática individualista, mas um trabalho pautado na multidisciplinaridade. Fica claro ainda ao longo de todo o texto, que muito além de cuidar do transtorno, o profissional também deve possuir habilidades para trabalhar os problemas da família e da reinserção social.

É de grande relevância que se crie vínculo e confiança entre o paciente e o profissional. Para que se atinja o nível de tratamento esperado, deixando sempre evidente que é de extrema necessidade que exista uma boa troca entre o enfermeiro – paciente e a família deste, efetivando o que as políticas de saúde mental desde os primórdios já preconizavam, que é a divisão do cuidado e a potencialização no tratamento por meio desse cuidado compartilhado.

Com isso, o enfermeiro cria credibilidade com o seu cliente, e este passa a acreditar naquele, mantendo, então, seu tratamento. Sem o vínculo paciente/enfermeiro, muitas vezes, o usuário tende a abandonar o tratamento, não fazendo as consultas periódicas e nem tomando a medicação necessária, o que pode ocasionar a piora do quadro. A enfermagem deve entender que seu serviço na saúde mental vai além de orientações medicamentosas, administração de medicamentos ou o acompanhamento dos dados vitais ( aferição de pressão, frequência respiratória, pulso).

O ideal é que ele trabalhe para além disso, ou seja, ter de olhar crítico, analisar o paciente como um todo. Se o profissional trabalha somente pensando nos serviços específicos de enfermagem, ele não adentra a saúde mental.

O enfermeiro, é parte importante da equipe multiprofissional, incluindo atendimento em grupo, individual ou familiar. Em parceria com outros profissionais, a enfermagem desempenha papel significativo no que diz respeito ao tratamento de pacientes com transtornos mentais, traçando a melhor estratégia de tratamento terapêutico para cada indivíduo, respeitando, portanto, sempre a individualidade de cada paciente.

É de grande valia, deixar explicitado que muito acerca do desempenho da enfermagem poderá ser ainda trabalhado, levando em consideração as constantes transformações nos cenários de trabalho e a adoção de novas tecnologias, novas formas de trabalhar que tronam esse processo um continuum potencialmente dinâmico. Cabe destaque também para a necessidade que ainda existe em falar sobre a atenção dos serviços, ao familiar/ cuidador do usuário com transtorno mental, pensando no pressuposto que este precisa de suporte e de atenção na busca de prevenir o adoecimento mental ou pelo menos, minimizar o potencial das problemáticas já experienciadas.

## Referências

- Andrade, R. L. D. P., & Pedrão, L. J. (2005). Algumas considerações sobre a utilização de modalidades terapêuticas não tradicionais pelo enfermeiro na assistência de enfermagem psiquiátrica. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(5), 737-742. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692005000500019&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692005000500019&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Ayres, J. R. D. C. M. (2005). Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. *Ciência & saúde coletiva*, 10, 549-560. <https://www.scielo.org/article/csc/2005.v10n3/549-560/>
- Brischialiari, A., Maftum, M. A., Waidmann, M. A. P., & de Azevedo Mazza, V. (2008). Sensibilizando a equipe de enfermagem ao cuidado humanizado em saúde mental mediante oficinas educativas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 10(4). <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/46815>
- Calgaro, A., & de Souza, E. N. (2009). Percepção do enfermeiro acerca da prática assistencial nos serviços públicos extra-hospitalares de saúde mental. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 30(3), 476. <https://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/6490>
- Carrara, G. L. R., Moreira, G. M. D., Facundes, G. M., Pereira, R. D. S., & Baldo, P. L. (2015). Assistência de enfermagem humanizada em saúde mental: uma revisão da literatura. *Rev Fafibe On-Line*, 8(1), 86-107. <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/36/30102015183642.pdf>
- Casate, J. C., & Corrêa, A. K. (2005). Humanização do atendimento em saúde: conhecimento veiculado na literatura brasileira de enfermagem. *Revista latino-americana de Enfermagem*, 13(1), 105-111. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692005000100017&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000100017&tlng=pt)
- Correia, V. R., Barros, S., & Colvero, L. D. A. (2011). Saúde mental na atenção básica: prática da equipe de saúde da família. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(6), 1501-1506. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342011000600032&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342011000600032&script=sci_arttext)
- Duarte, M. D. L. C., & Noro, A. (2010). Humanização: uma leitura a partir da compreensão dos profissionais da enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 31(4), 685-692. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472010000400011&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472010000400011&tlng=pt)
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Apostila de metodologia da pesquisa científica*. João José Saraiva Da Fonseca.
- Martins, P. A. S. F., & Forcella, H. T. (2006). Sistema de classificação de pacientes na especialidade enfermagem psiquiátrica. *Acta Paulista de Enfermagem*, 19(1), 62-67. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002006000100010&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002006000100010&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Mendes, T. H., & Castro, R. C. B. R. (2005). Conhecimento do enfermeiro e seu papel em psiquiatria. *Rev. Enferm. UNISA*, 6, 94-98.
- Ministério da Saúde (MS). (2008). Portaria GM nº 154, de 24 de janeiro de 2008, republicada em 4 de março de 2008.
- Oliveira, A. G., & Alessi, N. P. (2003). O trabalho de enfermagem em saúde mental: contradições e potencialidades atuais. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 11(3), 333-340. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692003000300011&script=sci\\_abstract&tlng=es](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692003000300011&script=sci_abstract&tlng=es)
- Paes, M. R., de Oliveira Borba, L., Labronici, L. M., & Maftum, M. A. (2010). Cuidado ao portador de transtorno mental: percepção da equipe de enfermagem de um pronto atendimento. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 9(2), 309-316. <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/11238>
- Peduzzi, M. (1988). Contribuição ao estudo da atuação do enfermeiro psiquiátrico no atendimento ambulatorial, multiprofissional, de pacientes egressos de Hospital Dia. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-7241>
- Randemark, N. F. R., Jorge, M. S. B., & Queiroz, M. V. O. (2004). A reforma psiquiátrica no olhar das famílias. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 13(4), 543-550. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072004000400006&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072004000400006&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Rocha, D., & Carvalho, R. (2007). Humanização da assistência: o que pensam os estudantes de enfermagem. *Einstein*, 5(4), 315-20. [http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/600-EinsteinOnLineTraduzidaVol5\(4\)MioloP%C3%A1g315320.pdf](http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/600-EinsteinOnLineTraduzidaVol5(4)MioloP%C3%A1g315320.pdf)
- SantosI, J. P., de Mello, M. C. B., & SouzaII, N. F. O. (2011). Reabilitação psicossocial na perspectiva de estudantes e enfermeiros da área de saúde mental. [http://projetos.extras.ufg.br/fen\\_revista/v13/n1/pdf/v13n1a07.pdf](http://projetos.extras.ufg.br/fen_revista/v13/n1/pdf/v13n1a07.pdf)
- Silveira, M. R. D., & Alves, M. (2003). O enfermeiro na equipe de saúde mental: o caso dos CERSAMS de Belo Horizonte. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 11(5), 645-651. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692003000500012&script=sci\\_abstract&tlng=es](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692003000500012&script=sci_abstract&tlng=es)